

Gagueira: a estrutura da língua desestruturando o discurso

Nadia Pereira Gonçalves de Azevedo*

Resumo

O presente artigo trata de uma reflexão sobre a gagueira, sob o ponto de vista discursivo. Procura-se analisar e comparar o discurso de três sujeitos portadores de gagueira, em atendimento fonoaudiológico, procurando evidenciar a relação de desarmonia existente entre língua e fala, onde a primeira é excessivamente poderosa, contribuindo para o rompimento ou desestruturação da linguagem, sempre que há o estado de (pré) locução. Observa-se que o desequilíbrio entre língua e fala na gagueira, onde a normatização da língua aprisiona o discurso, gera efeito de deslocamento no outro, que não interpreta o sujeito gago (dispersa-se) ou o silêncio. Assim sendo, o sujeito gago é calado e frustrado, sempre que há a possibilidade de discurso.

Palavras-chave: gagueira, discurso, linguagem, fonoaudiologia.

Abstract

This paper reflects on stammer in a discursive approach aiming at analyzing and comparing the speech of three stammerers being assisted by a speech therapist. It also tries to show the different relation between language and speech, knowing that the former is very powerful and contributes to disrupting or to de-structuring language in the (pre)-utterance state. The imbalance between language and speech in stammering (as long as language normatization ties the speech) results in a displacement effect in the other person who can-

* Professora-assistente do curso de Fonoaudiologia, Depta. de Psicologia da UNICAP.

Mestranda em Fonoaudiologia pela PUC, SP.

not interpret the stammerer (he gets lost) or becomes silent. In this way, the stammerer becomes silent and frustrated whenever there is the possibility of discourse.

Key words: Stammer, tongue, speech, language, speech therapy.

Em minha prática, leciono disciplinas relacionadas à linguagem e encontro, na gagueira, um lugar de descobertas e profundo desejo de atravessar sua opacidade, compreendendo seus mistérios.

O presente texto visa a uma reflexão sobre a relação de desequilíbrio entre língua e discurso¹ na gagueira, na qual língua tem uma massa poderosa, abalando e desestruturando o discurso que, sem o equilíbrio necessário, se rompe, aparecendo auto-corrigido, incoerente ou, em outros momentos, deixando de acontecer em consequência da estrutura, do medo da falha em sua elaboração.

Partindo da aquisição de linguagem, contemplo a gênese da gagueira através de enfoques socioemocional e psicanalítico. Em seguida, procuro analisar e comparar três pacientes gagos a partir de seus discursos registrados em sessões fonoaudiológicas. É importante esclarecer que não me detenho à história de cada caso ou à transcrição discursiva, mas a interpretar relatos e observações realizados em momentos diferentes da terapia fonoaudiológica, que considero relevantes, na medida em que apóiam e constituem a fundamentação teórica deste texto.

A maioria dos estudiosos da gagueira se ocupa da sincronia de seu processo, ou seja, da descrição dos enunciados representativos ou do levantamento dos sintomas. Friedman (1986) busca explicar o processo diacrônico da mesma, na medida em que se volta à gênese da gagueira.

A criança adquire linguagem em um percurso singular, através da linguagem do outro (mãe, pai) que a interpreta. É através do procedimento comunicativo, ou ação sobre o outro, e do proce-



dimento cognitivo, enquanto ação sobre o mundo, que a criança passa a construir o seu objeto linguagem, para, enfim, dele se apropriar.

Em seu texto “Processos Metafóricos e Metonímicos”, Cláudia de Lemos remete ao outro a instância de funcionamento da língua constituída, ocupando a posição de *discursa*. É ele quem “deve submeter os significantes da criança a processos metafóricos e metonímicos, de tal forma que haja uma re-significação através da relação com outros significantes” (Lemos, 1992, p. 128).

Os processos intersubjetivos regulados pelo adulto (mediadores da construção da linguagem e do conhecimento por parte da criança) agem de forma equivocada no caso da gagueira. Há, nesse caso, um discurso autoritário², que situa a criança em uma relação de ordem de cima para baixo. A criança em aquisição de linguagem encontra dificuldade natural no contato com a língua, relacionada à seleção de palavras, necessidade de relatar algo em um pequeno espaço de tempo etc., apresentando conseqüentes repetições, prolongamentos ou hesitações. O discurso do adulto é impregnado de elementos parafrásticos: *Fale direito! Respire fundo! Pense antes de falar!* Tais situações se configuram como um paradoxo, uma vez que sugerem uma dupla vinculação com a realidade (Friedman, 1994).

Na gagueira, a partir das situações paradoxais impostas pelo adulto, a criança mantém a dupla vinculação com a realidade, uma vez que, para deixar a situação, necessita estar atenta ao discurso, o que não é possível, considerando-se o caráter espontâneo da linguagem. A gagueira pode ser definida, portanto, como “o produto ideológico da história das relações de comunicação vividas, de onde emerge a crença na incapacidade articulatória, que determina todo o processo de produção de sua manifestação externa” (Friedman, 1986, p. 129).

A teoria psicanalítica aborda a questão do narcisismo³, enquanto representação do eu, sendo constituído por enunciados e imagens (representações) com seu afeto concomitante. Algumas re-

presentações são globais, uma vez que abarcam a totalidade da identidade (Ex: Você é lindo!); outras, parciais, representando um traço físico ou atividade (Ex: Seus olhos são lindos! Você joga muito bem futebol!).

O que produz prazer narcisista se cultiva (a satisfação tende a repetir-se). Na gagueira, ao contrário da satisfação, há o antiprazer narcisista, a constatação, logo na primeira infância, da inabilidade para a linguagem, do silêncio⁴ imposto pelo interlocutor (opressor), o que leva a criança a perceber-se como um sujeito que apresenta dificuldades na elaboração do discurso. Cunha (1996) busca compreender a gagueira através de um enfoque psicanalítico, percebendo-a como um sintoma de duas formas de neurose: a histeria de conversão e a obsessão. Sob essa ótica, aponta para o fato de que o sujeito gago deve escutar a si mesmo, a fim de encontrar um novo sentido para a gagueira⁵.

O sujeito que apresenta gagueira relaciona-se com uma sociedade que, por conceitos culturalmente⁶ adquiridos, rejeita essa produção lingüística e o marginaliza, estigmatizando-o ou negando a sua linguagem. Sheehan (1975) se refere a um conflito de aproximação e evitação, que se materializa no desejo de falar e não falar, complementado por Friedman (1986) como falar e falhar, ou não falar, referindo-se à dúvida pela qual passa o indivíduo, sempre que há a possibilidade de utilizar a linguagem. Dessa forma, há, por parte do sujeito gago, um evidente conflito em todas as situações de discurso: falar (e preocupar-se com a forma do discurso, expondo-se à falha) ou não falar (e assumir a posterior frustração pelo insucesso).

Ambas as situações causam (e reforçam) a insatisfação / inabilidade no discurso. A presença da gagueira, na linguagem, também caminha para uma imediata frustração, uma vez que abala o discurso. Dessa forma, o conflito no discurso do sujeito gago, em última instância, remete-me a uma nova análise: **falar, falhar, frustrar-se x não falar, frustrar-se**. “O não dito faz parte da incompletude e se faz desejo” (Orlandi, 1987, p. 135). O que é calado não é completo, poderia ter

sido dito, é desejo. A frustração, enquanto finalização única desse conflito, seria, então, a seqüela da evidência da inabilidade para a linguagem, fruto do resultado (qualquer um que seja – falar ou não falar) conflituoso da situação de (preparação para) discurso.

Um paciente que atendo me dizia que a passagem mais angustiante na convivência com a gagueira é a que se refere ao contato com os amigos. Nos finais de semana, costumam reunir-se em um bar, para contar piadas. Ele sempre se recorda de várias. Seleciona uma que, a seu ver, é excelente e fica esperando o *melhor momento* para contá-la. Enquanto isso, um amigo conta uma, todos riem; outro conta outra, a gargalhada é geral; e ele permanece *em suspensão*, esperando o *melhor momento*, enquanto luta com a “antecipação”⁷ e seus conflitos: “*E se eu gaguejar? E se eu não conseguir terminar a piada? E se ninguém rir da piada, mas da minha fala?*” Segundo ele, em todas as situações do tipo, o tempo passa, até que os colegas iniciam uma outra conversa. O resíduo do conflito é a frustração, a sensação de fracasso por não ter conseguido, a evidência da inabilidade da / para a linguagem.

Analisando o discurso desse paciente, percebe-se a supervalorização da língua, enquanto funcionamento, a língua e suas regras, organizada, homogênea, ou seja, o falar bem. A partir da pressão social, ou mesmo, da interpretação do sujeito em relação ao que a sociedade espera (e cobra) dele, há uma pressão interna na busca do correto na/pela linguagem.

Recordo-me de um outro paciente que se refere a si mesmo como *extremamente perfeccionista*. É primeiro aluno da escola desde o Primeiro Grau e, hoje, no curso de Engenharia, permanece em seu “posto de láurea”. O caderno é passado a limpo em casa e, mesmo no rascunho, mantém a letra impecável. Seu quarto é bastante organizado, os livros e discos etiquetados e é, ele próprio, responsável pela manutenção dessa ordem, com faxina e todos os cuidados para que não haja qualquer modificação nas posições estipuladas.

Apresenta gagueira, com inúmeras repetições e bloqueios, tiques e tremores articulatórios, o que, diante desse perfeccionismo, parece abalá-lo muito mais. Está sempre procurando novas palavras, algumas vezes para facilitar a emissão de outra que considera difícil naquele momento⁸, outras vezes, emite uma, encontra outra melhor, mais formal e chega a dizer três ou quatro sinônimos relacionados a esse “falar bem, corretamente”, eterna busca do domínio da língua. A ocorrência dessas alterações se dá pela necessidade de livrar-se da tensão desequilibrada entre língua e linguagem.

Esse procedimento leva a rupturas na produção da linguagem, enquanto subjetividade⁹, visto que essa permanece abalada, por vezes descontextualizada, frente à pressão da língua. Pode-se dizer que o sujeito gago está à mercê da língua e seus processos, sua forma, escravizado por ela e não consegue libertar-se para a linguagem.

Retomando o processo de apropriação da linguagem, esse passa pelo seu uso *recortado* da fala do outro (imitação). Em seguida, a criança cruza momentos diferentes de textos ouvidos e falados, momento em que a língua passa a fazer efeito nela, gerando autocorreções e a subjetividade da linguagem. Assim sendo, a criança, inicialmente, recorta do outro a palavra correta, sem interpretação, para, enfim, deslocar-se de personagem a autor do seu próprio processo. Há o efeito reorganizador da linguagem sobre a linguagem, na medida em que ouve e produz enunciados. A própria produção de um enunciado desencadeia reorganização, como consequência de ter sido ouvido e re-significado (Lemos, 1992). As substituições de palavras fazem parte da aquisição de linguagem e indicam essa mudança de posição de ator a autor no processo de subjetivação da linguagem.

Na gagueira, as substituições ocorrem por tentativa de busca de elementos de estruturas mais simples (ingenuidade?) que favoreçam a liberação do discurso. Está diretamente relacionada à pressão comunicativa, à autocobrança, mais do que à cobrança social.



As autocorrekções são, portanto, efeitos de mudanças da posição de interpretado para intérprete de si mesmo e do outro. Para constituir-se sujeito, a criança necessita dessubjetivar o outro. O gago permanece autocorrigindo-se, realizando operações metonímicas. “O processo metonímico também implica o metafórico. A possibilidade de substituição é o que cria lugares/posições e, portanto, cria a própria cadeia/estrutura” (Lemos, 1992, p. 121). O sujeito gago tem dificuldade em lidar com a metáfora, necessitando realizar operações em presença, sintagmáticas, de autocorrekções, buscando fazer sentido no discurso do outro.

O problema da gagueira estaria no fato de assumir a posição de autor do seu processo? Seria a manutenção da posição de ator mais cômoda, mais fácil, pois assim mantém a dependência discursiva? Parece que o fato de se apropriar da linguagem, constituindo-se por ela, no caso da gagueira, gera insegurança, dificuldade em fazer-se sujeito, significar-se.

Lier de Vitto, analisando os monólogos da criança em processo de aquisição da linguagem, observa uma profunda solidariedade entre língua e discurso em uma atuação constante da linguagem sobre a linguagem. “Este movimento parece responder pela produção/destruição do sentido... onde a língua faz buraco, o texto falha, o sentido se perde ou confunde” (Lier de Vitto, 1995, p. 52). Na gagueira, há um desvio na dinâmica língua-linguagem, onde se observam repetições, bloqueios, substituições, autocorrekções tão intensas, que levam, muitas vezes, à perda do sentido. A supervalorização da língua desequilibra o movimento, esvaziando o sentido. O discurso se esvai, perde a força, rompe-se pelo poder da estrutura, da forma, do código. Na gagueira, muitas vezes, o sentido escapa.

Um terceiro paciente, ao passar por duas avaliações fonoaudiológicas, referindo queixa de gagueira, recebe como *resultado final* a constatação de que não apresenta gagueira. A resposta não o satisfaz, porque, já que se vê como gago, permanece na busca de uma terapia que tenha a compre-

ensão de seu *problema*. A Clínica de Fonoaudiologia da UNICAP, onde eu supervisiono um grupo de Estágio, foi a terceira tentativa, e o relato desse sujeito se refere à dificuldade em lidar com a gagueira em dois aspectos: em primeiro lugar, nega ser capaz de falar algumas palavras, como *viaduto*⁰, por exemplo. Nesse caso, tem que descrever, já que desconhece um sinônimo. Em segundo lugar, angustia-se com os fins-de-semana em contato com os amigos, uma vez que, em geral, opta por não beber (e permanecer diferente dos outros), porque *quando bebe, gagueja muito*.

O que se constata é que sua linguagem é tão controlada, que, apesar de o interlocutor não o classificar como gago, ele próprio se rotula, uma vez que mantém uma posição de submissão em relação à língua (escravizado por ela). Quando bebe, gagueja: não há possibilidade de controle, uma vez que a bebida leva ao descontrole, à linguagem lúdica, deixando fluir o discurso sem censura. A antecipação, porém, mantém-se, já que há a decisão por não beber e a preocupação (revelada) da ocorrência da gagueira sempre que opta por beber.

O que há em comum, além da gagueira, entre os três pacientes referidos aqui?

O primeiro espera o *momento certo*, enquanto tenta (*não consegue*) lidar com a estruturação da língua no discurso. O segundo apresenta autocorrekções, deslizos predominantemente metonímicos, tornando o discurso *disperso, vazio de sentido*. O terceiro não pode mostrar ao outro que gagueja e esconde o fato, substituindo palavras em cuja emissão, provavelmente, gaguejaria; além disso, *não se liberta* para o sentido, uma vez que beber, no seu caso, é desligar-se da língua e, na gagueira, *a língua necessita ser vigiada*. Os três estão submissos à estrutura da língua, enquanto funcionamento, na tensão existente entre a oportunidade do discurso e o melhor momento, na busca de palavras que signifiquem melhor (o signifiquem?), apesar da relação parafrástica entre elas, no controle rígido da gagueira. “Ao falar, ao significar, eu me significo” (Orlandi, 1996, p. 28).

Os três precisam estar em *vigília* constante. O fato de se estar atento à forma pressupõe não beber, não falar, um discurso tenso, já que escravizado pelo próprio sujeito, que, por sua vez, é escravizado pela língua e pelo outro. O sujeito com gagueira **pressiona a língua, que pressiona o discurso, que pressiona o sujeito**. O discurso é preso, contido e o sujeito não é solto, livre, uma vez que a linguagem é ele mesmo, é subjetiva.

Dessa forma, a partir da análise do discurso desses três pacientes, encontro como eixo comum o desequilíbrio entre língua e linguagem, onde a forma aprisiona o discurso, gerando efeito de deslocamento no outro, que não o interpreta (dispersa-se) ou o silencia. Assim sendo, o sujeito gago é calado e frustrado, sempre que há a possibilidade de discurso.

NOTAS

¹ Neste texto, estou usando “língua” e “linguagem” de acordo com Milner, referida em Lemos, (1995: 13). “A nós se apresenta um conjunto de realidades a que chamamos línguas. Não hesitamos mesmo em lhes atribuir esse nome – a todas e a cada uma – como se tivéssemos sempre à disposição uma regra que nos permitisse, dada uma certa realidade, determinar se ela pertence ou não ao conjunto. Isto supõe indiscutivelmente algumas propriedades definitórias, comuns a todos os elementos que merecem o nome de língua e representadas exclusivamente por eles. Se, por abstração, se confere a essas propriedades uma existência autônoma, obtém-se o que se chama a linguagem.” Meu conceito de discurso se refere ao de Pêcheux (1990), quando, ao partir do enunciado *On a gagné*, referindo-se à vitória de F. Mitterand na França, passa a analisá-lo sob diferentes pontos de vista, entrecruzando três caminhos: o da estrutura, o do acontecimento e o da tensão entre descrição e interpretação na análise do discurso. Orlandi (1996: 38), lembrando Pêcheux, compreende “discurso” como “efeito de sentidos entre locutores”.

² Orlandi (1987) diferencia três tipos de discurso: lúdico, autoritário e polêmico, caracterizando-os, respectivamente, como predominantemente polissêmicos, parafrásticos e equilibrados entre ambos os componentes. O discurso em que melhor se observa o jogo entre o mesmo e o diferente seria o polêmico.

³ Sobre este assunto, ver Halperin, S. “A Constituição do eu”, *apud* Hornstein, L. *Introdução à Psicanálise*, São Paulo: Ed. Escuta, 1989.

⁴ Segundo Orlandi (1987), assim como a palavra, o silêncio também apresenta suas condições de produção. Nesse sentido, há a *ruptura desejada*, com o silêncio imposto pelo opressor (proposto pelo oprimido). A fala, na gagueira, é *silenciadora / silenciada*.

⁵ Friedman (1996) analisando o enfoque psicanalítico no estudo das histerias, reflete sobre a possibilidade de se estarem estudando diferentes tipos de gagueira, sem que haja, necessariamente, uma oposição de perspectivas.

⁶ Na visão de Lacan, citado em Henry (1992), o conceito de “cultura” seria reduzido à “linguagem”, uma vez que essa é o que distingue a sociedade humana das animais.

⁷ Pêcheux *apud* Orlandi (1987: 126) refere-se à antecipação como o fato de o “locutor supor o que o outro vai pensar”. Na gagueira, o locutor (ou pré-locutor) experimenta o lugar do ouvinte (ou suposto ouvinte) a partir de seu próprio lugar, sempre que há possibilidade de linguagem. Nesse caso descrito, a antecipação impede a liberdade para a linguagem.

⁸ Friedman (1994) chama de *truques* esses comportamentos disparadores da fala e adiadores da gagueira, que evidenciam tensão no falar.

⁹ Benveniste (1991) se refere à subjetividade da linguagem, enquanto capacidade do locutor em constituir-se como sujeito. O fundamento



lingüístico da subjetividade é determinado a partir de uma relação dialética entre o *eu* e o *tu*, uma vez que a linguagem estrutura na sua realidade o conceito de ego.

¹⁰ Esta palavra, especificamente, abala-o muito, uma vez que esse paciente trabalha como guarda de trânsito e necessita esclarecer à população que o questiona sobre acesso a algum local. Seu ponto de atuação é, inclusive, próximo a um viaduto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1991.
- CUNHA, M. C., GOMES, R. E. O. “Fonoaudiologia e psicanálise: uma reflexão sobre a gagueira e o inconsciente”, In: *FONOAUDIOLOGIA: recriando seus sentidos*, São Paulo: Plexus, 1996.
- FRIEDMAN, S. *Gagueira: origem e tratamento*. São Paulo: Summus, 1986.
- _____. *A construção do personagem bom falante*. São Paulo: Summus, 1994.
- _____. “Reflexões sobre a natureza e o tratamento da gagueira”. In: *FONOAUDIOLOGIA: recriando seus sentidos*. São Paulo: Plexus, 1996.
- HALPERIN, S. “A constituição do eu”, In: *INTRODUÇÃO à Psicanálise*, São Paulo: Escuta, 1989.
- HENRY, P. “A Lingüística no campo e fora do campo da complementaridade”. In: *A FERRAMENTA imperfeita*, São Paulo: Unicamp, 1992.
- LEMONS, C. T. G. “Los procesos metafóricos y metonímicos como mecanismos de cambio”. *Substratum*, J., p. 121: 129, 1992.
- _____. “Corpo e Linguagem”. In: *SIMPÓSIO. Corpo-mente, uma fronteira móvel*, São Paulo, 1995.
- LIER DE VITTO, M.F. “Língua e discurso: à luz dos monólogos da criança”. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 30, n. 4, P. 45-56, 1995.
- ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- _____. *Interpretação – autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1990.
- SHEEHAN, J. G. “Conflict theory and avoidance-reduction therapy” In: *Eisenson, J. Stuttering a second symposium*. New York: Harper and Row, 1975.